

ALFABETIZAÇÃO: A ESCRITA ESPONTÂNEA

Ademar da Silva
São Paulo: Editora Contexto, 1991

Nos últimos anos verificamos que o tema alfabetização tem ocupado uma posição de destaque, observada não somente pelo aspecto quantitativo - que pode ser constatado pelo número de páginas que o assunto, sob diversas abordagens, tem gerado - mas, principalmente, pelo aspecto qualitativo - que pode ser confirmado pelo grau de importância das questões e das teorias formuladas na tentativa de melhor compreender o processo de alfabetização.

Podemos situar a Linguística dentre as disciplinas que incluem, em seu programa, o estudo da alfabetização ou tentam fazer uma aplicação dos conhecimentos específicos da área neste tema. Na realidade, a inserção e relevância desta disciplina na teorização do processo de adquirir e desenvolver a modalidade escrita da linguagem é bastante natural, já que seu objeto de estudo é a linguagem e uma vez que o que está em jogo para o alfabetizando é o domínio, entre outras coisas, das convenções que regem a passagem da modalidade oral para a escrita. Desta forma, é extremamente importante para um professor-alfabetizador tomar conhecimento das pesquisas, em Linguística, que tentam entender esta passagem, buscando algumas explicações que justifiquem os tão frequentes "erros". São, aliás, os erros cometidos pelos aprendizes da escrita que atormentam o trabalho do professor, ainda mais quando este não dispõe de explicações plausíveis e coerentes para justificá-los, nem de instrumentos eficientes que o ajudem a analisá-los e consequentemente a planejar algum tipo de intervenção.

É neste contexto que se situa o livro de Ademar da Silva, **Alfabetização: a escrita espontânea**: é um estudo lingüístico que tenta entender o processo de aquisição da escrita. E é na Contexto (Editora), na coleção "Repensando a Língua Portuguesa", coordenada pelo Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, que a obra foi publicada. É bem sintomático, então, apresentar o livro como um convite a repensar alguns aspectos que dizem respeito à língua escrita.

O texto, salvo algumas mudanças formais na ordem de apresentação dos temas e algumas poucas inclusões e exclusões, foi originalmente apresentado como dissertação de mestrado no IEL-Unicamp, sob orientação da Prof. Maria Bernadete Abaurre. A mudança mais visível, como era de se esperar, se deu no título: de **A relação entre a fala e a segmentação na escrita espontânea de crianças da primeira série do primeiro grau**, mais específico e explícito - aos moldes da academia - passou-se a **Alfabetização: a escrita espontânea**. Ganha-se na simplificação (necessária), perde-se na informatividade. Por isso mesmo, aquele leitor que esperar, induzido pelo tópico anunciado



no título, um estudo mais aprofundado sobre a escrita espontânea, principalmente no que diz respeito aos aspectos pedagógicos-metodológicos do como fazer (expectativa primeira dos alfabetizadores!), pode ficar um pouco decepcionado. Uma expectativa de leitura mais específica, que se confirma ao longo do texto, deve levar em conta o anunciado nos sub-títulos: aquisição da escrita; redação escolar e ortografia; segmentação de palavras.

Depois dessa contextualização mais ampla, passamos a apresentar as partes que compõem o livro. Na "nota introdutória" é indicado o objetivo do trabalho que é a "análise preliminar da produção espontânea de alunos de primeira série do primeiro grau com vistas a levantar algumas hipóteses sobre os aspectos da fala possivelmente envolvidos nos critérios de segmentação utilizados na elaboração de seus textos" (p. 9). Para esta análise utilizou-se setenta textos espontâneos, com problemas de segmentação. A composição do "corpus" não permitiu um controle de variáveis que poderiam ser importantes, tais como tipo de escola, faixa etária, evolução temporal, apresentadas pelo autor como itens para investigações futuras (principalmente uma análise longitudinal). Dois pontos devem ser destacados nesta introdução. Primeiro, a colocação de que o processo de aquisição da língua escrita se vale de dados do processo de aquisição de linguagem, o que quer dizer que existe uma via de mão-dupla entre fala e escrita. A confirmação do uso simultâneo dessas duas fontes (língua oral e língua escrita), feita ao longo da análise da

segmentação, endossa esta afirmação. O segundo ponto é a relevância dada aos desvios da escrita oficial cometidos pelos aprendizes; os famosos "erros", que estão entre aspas porque, na realidade, "são sintomas de construção que não demonstram desatenção ou incapacidade e, sim, sistematizações resultantes da elaboração de hipóteses sobre a linguagem" (p. 10). Entender o erro é, então, avaliar o grau de domínio da escrita do aprendiz, podendo compreender melhor as hipóteses que o levam a hipotetizar uma forma ou outra. (Cf. Nascimento & Oliveira, 1990)

No primeiro capítulo (ou item, como queiram) o autor discorre sobre "a escrita": destacando as diferenças formais e funcionais entre a língua falada e a língua escrita; apresentando um estudo histórico da evolução dos sistemas de escrita; relacionando a criança e a escrita e, posteriormente, esta relação inserida na escola; e, finalmente, caracterizando a criança e a escrita espontânea. Um dos objetivos dessa parte do trabalho é lançar as bases teóricas que sustentam a análise, ao mesmo tempo que se faz uma revisão bibliográfica do assunto. É revelador, então, vermos nomes como de Vygotsky, Ferreiro & Teberosky, Abaurre que, resguardadas as peculiaridades de cada visão, se aproximam quando advogam o caráter extremamente dinâmico e criativo que é o processo de aquisição da língua escrita. Respalado nesses estudos é que o autor vai contrapor a relação da criança com a escrita à relação da escola com a escrita dessa criança, dizendo que "a escola simplesmente notifica o erro, impedindo, assim, que a criança experimente a sua própria escrita" (p. 23). É neste quadro, então, que surge a dicotomia entre texto não-espontâneo (artificial) e texto espontâneo ("marcado pela expressividade" de um sujeito-autor). Esta distinção pode ser comparada àquela estabelecida entre "redação" e "texto" (Geraldini, 1984); "pseudotexto" e "texto" (Abaurre, 1987, apud Da Silva, 1991), em que as marcas da influência escolar servem de parâmetro de divisão. No entanto, convém que façamos algumas relativizações: a primeira é que não excluímos a possibilidade da ocorrência de "textos" em ambiente escolar, a segunda é que mesmo entre os textos artificiais, não-espontâneos, o índice de ocorrência de erros pode ser alto. Isto, em última análise, reforça a idéia de que não é apenas a metodologia de trabalho que garante o sucesso ou fracasso do processo de alfabetização, deve-se levar em conta, também e principalmente, os usos e funções que se atribuem à escrita.

A importância de um texto espontâneo situa-se de um lado no reconhecimento do aprendiz como produtor de textos, portanto o texto materializa um verdadeiro ato de interlocução, de outro lado "seus dados se constituem em riquíssimos objetos de análise e discussão sobre os processos de aquisição de linguagem em geral e aquisição de escrita, em particular" (p. 28).

O segundo capítulo intitula-se "A segmentação nos textos espontâneos" e tem por objetivo apresentar uma classificação dos erros de segmentação junto com algumas categorias de análise.

Os dados foram separados em dois grandes grupos: quando ocorre a junção de duas ou mais palavras tem-se casos de hiposegmentação, ou seja, segmentação para menos, ex: jaestacome-no/já está comendo; comfome/com fome (p. 33); quando ocorre a separação além da prevista pela ortografia tem-se casos de hipersegmentação, ou seja, segmentação para mais, ex: a traze/atrás; a ca bou/acabou (p. 33).

O autor ressalta que a hipo e hipersegmentação não ocorrem isolada e excludentemente, nem constantemente, "há momentos

em que a criança segmenta de acordo com as convenções ortográficas" (p. 36). Desta caracterização conclui-se em favor da instabilidade das estratégias de segmentação utilizadas pelos aprendizes, indo das mais regulares às idiossincráticas, o que reforça o caráter dinâmico das suas hipóteses. Por outro lado, a análise permite identificar categorias que pertencem à língua oral (grupo de força, grupo tonal) ligadas diretamente aos aspectos que constituem a prosódia, portanto é lícito dizer que a fala é um forte referencial tomado pelo aprendiz. A análise permite identificar, também, categorias que pertencem à língua escrita (classes morfológicas, como artigos, proposições, etc) que são incorporados pelo aprendiz. Ou seja, quando ocorre um erro de segmentação (ou um erro ortográfico de uma maneira geral) a fonte deste erro pode estar tanto na língua oral quanto na escrita, o que quer dizer que o aprendiz transita entre a percepção que ele tem da língua falada e as informações que ele incorpora da própria língua escrita. Por ser bastante abrangente, dizer simplesmente que as fontes dos erros estão ou na língua falada ou na língua escrita é pouco explicativo. Por isso é que se faz necessário postular, mais especificamente, quais unidades da língua oral e da língua escrita servem de referencial para o aprendiz. Nesse sentido o autor apresenta os grupos tonais e os grupos de força como unidades prosódicas relevantes na definição de estratégias de segmentação. Neste caso o resultado da percepção dessas unidades geraria formas hiposegmentadas. (Os exemplos aparecem no terceiro capítulo).

Convém destacar uma afirmação, feita em nota, de que "as unidades: clítico, palavra, vocábulo e sílaba, foram mencionadas com o intuito de facilitar a descrição de ocorrências. Elas são reais apenas para o linguista; a criança as desconhece" (p. 42). Com essa frase abre-se uma discussão importante que é o diálogo necessário entre teoria/dado (muitas vezes esquecido!). Isto quer dizer que as categorias de análise (as teorias) estão sempre sujeitas a reformulações; potencialmente são sempre objeto de dúvida. No processo de segmentação, por exemplo, sabemos da atuação de unidades da língua falada como índices que são operados pelos aprendizes na formulação de suas hipóteses, mas não temos elementos o suficiente para afirmar categoricamente quais são essas unidades. O que temos são hipóteses explicativas que apontam, como pertinentemente o fez Ademar da Silva, o grupo tonal e o grupo de força como unidades importantes. No entanto, sabemos da possibilidade de propor outras análises: existe uma distinção entre grupo de força e palavra fonológica que cria, no mínimo, outra categoria de análise - a palavra fonológica (cf. Nascimento & Oliveira, 1990: 41). Esse é apenas um dos exemplos da possibilidade de refinamento das categorias de análise.

No capítulo terceiro o autor faz a análise dos textos tendo em vista o quadro teórico descrito anteriormente. Os dados foram agrupados em quatro grupos de ocorrência: percepção da linguagem oral (grupo tonal e grupo de força); percepção da escrita, combinações e variações.

No quarto e último capítulo, retomando a tese inicialmente colocada e concluindo em função da análise dos dados, o autor diz que "ao tomar decisões sobre segmentação no seu texto espontâneo, a criança parece traduzir a sua percepção ora de aspectos constitutivos do discurso oral, ora de aspectos que caracterizam a própria escrita" (p. 73).

Ao término desse estudo de Ademar da Silva fica claro o vínculo cada vez mais pertinente e necessário entre Linguística e

Alfabetização. Estudos nesta área permitem de um lado uma melhor compreensão dos erros cometidos pelos aprendizes, o que beneficia o professor-alfabetizador, e de outro, permitem, como retorno, a colocação de dados sobre a aquisição da linguagem oral e escrita, o que beneficia a própria Linguística, uma vez que o entendimento destes processos de aquisição é uma de suas tarefas.

Com relação à segmentação, o estudo apresentado, conforme

caracteriza o autor, é uma análise preliminar. É nesta perspectiva, então, que o trabalho **Alfabetização: a escrita espontânea** deve ser lido.

GILCINEI TEODORO CARVALHO *

** Professor da rede municipal de ensino de Belo Horizonte e Professor de Linguística da Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, J.W. "Escrita, uso da escrita e avaliação". In: **O texto na sala de aula**. 2 ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

NASCIMENTO, M. & OLIVEIRA, M.A. "Da análise de "erros" aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita". **Educação em Revista**, Belo Horizonte (12): 33-43, dez. 1990.